



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

O CURRÍCULO COMO NORTEADOR DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM SALA DE AULA

Mayane Ferreira de Farias* - Autora
mayanefarias@hotmail.com

Annielle Richelle de Assunção Souza Guilherme* - Co-autora
Ionara Silva Braga* - Co-autora
Rafael da Silva da Cunha* - Co-autor
Mayara Ferreira de Farias** - Orientadora

*Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA
**Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Introdução

São vários os conceitos que se tem de currículo, dentre eles, temos o referido por Traldi (1984, p. 25) de que “currículo é um plano para a aprendizagem, em que tudo o que se conhece sobre o processo da aprendizagem terá aplicação para a sua elaboração”, considerando o mesmo, como um aspecto a ser reproduzido, modificado e reconstruído no decorrer do tempo.

O processo de compreensão do conceito de currículo, não pode ser dado através de conceitos anteriormente formados, à medida que no mundo ocorrem constantes transformações, a construção do conhecimento e do campo do currículo precisa ser repensada, sem desconsiderar o espaço e o tempo em que se inserem, tornando, assim, necessário criar novas perspectivas para que se forme um próprio conceito.

Como se vê atualmente, as dificuldades no ensino aumentam, principalmente, caso a organização do currículo escolar contraste com a realidade vivenciada pelo aluno, impossibilitando-lhe de participar dela de forma mais crítica. Propõe-se nesse artigo, problematizar aspectos concernentes à história e evolução do currículo, bem como o seu norteamento para a construção do conhecimento em sala de aula.

O Currículo Escolar: Aspectos Históricos

São diversas as definições para o conceito do que venha a ser o currículo, isto pode ser percebido na existência de inúmeros autores que tendem a abranger o referente tema, cada um com a sua própria concepção, tendo em vista as diversas temáticas exploradas por eles que giram em torno desse assunto, o que faz com que cada indivíduo possua também a sua



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

própria definição, desde que seja levado em consideração o contexto social e histórico em que vive o aluno.

Etimologicamente, a palavra currículo vem do latim *curriculum*, perpassando uma noção de conjunto de dados integrados e variáveis para cada pessoa, observando as suas necessidades, os seus problemas, os seus interesses, e tudo aquilo que contribua para o seu desenvolvimento.

A partir do século XVIII, a criança passou a ser considerada como um ser diferenciado na sociedade, possuindo suas próprias características. Tal fato decorreu através da ascensão da família burguesa, na qual a sociedade passou por profundas mudanças econômicas e industriais, ocasionando assim a reorganização da escola. Nesse contexto, surge também um novo modelo de currículo escolar, centrado nas experiências da criança (ACÚRCIO, 2003).

O currículo escolar não surgiu num ritmo acelerado, vem de um processo de transformação lento, e é sintomático seu surgimento, uma vez que mantém uma relação associada diretamente entre aluno-escola-sociedade, motivo de sua amplitude cada vez mais diversificada.

Observando o panorama histórico do currículo, podemos perceber a relação que se estabeleceu a partir do século XIX, expandindo-se pelo século XX entre o ensino e a sua amplitude que vai além da sala de aula. Nessa época, vários autores passaram a escrever acerca deste assunto cujas áreas mais comuns eram “Aritmética; Artes Plásticas e Artesanatos; Saúde, Educação Física e Segurança; Segurança; Linguagem; Música; Ciência; Estudos Sociais, etc” (TRALDI, 1984, p. 36). Somente nos últimos anos do século XIX, passou-se a pensar num currículo voltado para as experiências vividas pelo aluno, o qual serviria como veículo de transmissão de valores julgados necessários para o crescimento integral de cada um deles, partindo da sua realidade, que na maioria das vezes, contrasta com a realidade vivenciada na escola.

Partindo da premissa de que a formação integral do aluno não se concretiza apenas pela formação intelectual, Dewey, principal representante da pedagogia Progressiva, refletiu inúmeras ideias nas quais a educação deveria ser feita pela ação. Nessa perspectiva, pode-se entender a educação como um processo gradativo que não depende apenas do ensino oferecido pela escola.

A escola não é uma preparação para a vida, é a própria vida; a educação é o resultado da integração entre o organismo e o meio através da experiência e da reconstrução da experiência. A função mais genuína da educação é a de prover e estimular a atividade própria do organismo para que alcance seu objetivo de crescimento e desenvolvimento. Por isso, a atividade escolar deve centrar-se em situações de experiência onde são ativadas as potencialidades, capacidades, necessidades e interesses naturais da criança. O currículo não se baseia nas matérias de estudo convencionais que expressam a lógica do adulto, mas nas atividades e ocupações da vida



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

presente de modo que a escola se transforme num lugar de vivência daquelas tarefas requeridas para a vida em sociedade. O aluno e o grupo passam a ser o centro de convergência do trabalho escolar (LIBÂNEO, 2004, p. 62 e 63).

O trajeto do currículo escolar como produto cultural prova a nítida relação entre os sujeitos que planejam o currículo e aqueles a quem ele é destinado. As transformações no conceito de currículo e escola tornam o aluno um sujeito com identidade própria, visto como um determinante em potencial para a sociedade. O aumento de conceito para o campo do currículo, faculta o aparecimento de autores que passam a levá-lo em conta.

Na mesma linha de pensamento, Traldy (1984, p. 33) afirma que currículo é uma sucessão de experiências escolares adequadas a produzir de forma satisfatória, a contínua reconstrução da experiência, sendo o papel do mestre preparar o ambiente para que esta sucessão se faça de tal forma que promova o desenvolvimento dos alunos e os faça atingir os fins de autodireção, no redirecionamento de suas capacidades, potencialidades e atividades.

Influenciado pelas ideias de Dewey e Kilpatrick, Teixeira¹ introduziu inovações no modelo do currículo brasileiro, considerando que deveria haver uma relação cada vez mais aproximada entre o desenvolvimento social, moral e intelectual do aluno, sem deixar de lado as suas emoções. Novas perspectivas em relação ao currículo eram evidentes na reorganização da instrução pública na Bahia. (...) Teixeira chamou, assim, a atenção para a importância de se organizar o currículo escolar em harmonia com os interesses, as necessidades e os estágios de desenvolvimento das crianças baianas (MOREIRA, 1990, p. 85).

Tais ideias foram propagadas e defendidas por muitos estudiosos da educação, resultando assim, em reformas importantes no sistema educacional (como a Reforma Campos) de vários estados brasileiros, com o objetivo de propor novas formas de se pensar o currículo. Posteriormente, a disciplina Currículos e Programas foram introduzidos no Brasil com o propósito de contribuir com a formação do professor, e conseqüentemente, do aluno, buscando valorizar as funções que ambos desempenhavam na sala de aula.

Não podemos apresentar completamente a história do currículo, mesmo porque a sua abrangência corresponde a contextos variados que se dão social e historicamente. Embora a eficácia de um currículo bem estruturado seja alvo de bastantes discussões entre teóricos, as unidades de ensino oferecidas nas grades curriculares das escolas em sua maioria, tornam-se cada vez mais conteudistas, fazendo com que o aluno, não passe de um mero receptor,

¹ Anísio Spínola Teixeira nasceu em Caetitê (BA), no ano de 1900 e é considerado personagem central na história da educação no Brasil.



desconsiderando as suas necessidades educativas, as quais deveriam ocupar lugar central desde o planejamento curricular.

Nesta perspectiva, Piletti (1995, p. 15) afirma que, o aluno não é mais visto como um ser passivo que deve apenas assimilar os conhecimentos que lhe são transmitidos pelos seus professores. É visto, antes de mais nada, como um ser ativo que aprende não através do contato com professor e com a matéria (conteúdo), mas através de todos os elementos do meio.

3. A Relação entre o Currículo e a Construção do Conhecimento

Embora seja um dos elementos mais importantes, se não o mais importante da escola, o currículo ainda vem sendo encarado como um elemento de pouca relevância, no que diz respeito à prática educativa. A organização curricular norteia a prática educativa do professor, e embora não ofereça soluções prontas, deve priorizar a melhoria da qualidade de ensino.

Para Teixeira (1976, p. 58), a escola tem de se fazer prática e ativa, e não passiva e expositiva, formadora e não formalista. Não será a instituição decorativa pretensamente destinada à ilustração dos seus alunos, mas a casa que ensine a ganhar a vida e a participar inteligente e adequadamente da sociedade.

O papel concebido à escola é muito diversificado e importante, pois este ambiente, além de atender às necessidades educacionais das crianças, deve garantir-lhes um lugar especial, oferecendo todas as condições necessárias ao seu aprendizado, além disso, pode também contribuir na formação de competências e habilidades consideradas essenciais para o desenvolvimento de sua criticidade.

A estrutura e organização do currículo é muito importante para a aprendizagem da criança, uma vez que possibilita a promoção de meios que facilitam o processo de ensino, tendo em vista a reciprocidade e a integridade da mesma com relação às atividades envolvidas. O problema é que na maioria das vezes os métodos e os conteúdos de ensino são pensados fora do ambiente escolar.

Para Traldy (1984), um bom currículo escolar, é aquele que se fundamenta numa concepção de educação que: Pressupõe que o aluno seja sujeito de seu processo de aprendizagem; privilegia principalmente o saber que deve ser produzido, sem relegar a segundo plano o saber que o aluno já possui; as atividades de currículo e ensino não são separadas da totalidade social e visam à transformação crítica e criativa do contexto escolar, e mais especificamente de sua forma de se organizar; essa transformação ocorre através do acirramento das contradições e da elaboração de propostas de ação, tendo em vista a superação das questões apresentadas pela prática pedagógica.



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

A escolha dos conteúdos deve partir da realidade concreta do aluno, considerando desde a essência dos dados ao contexto em que está inserida a escola, dando mais ênfase à interação professor-aluno, valorizando a participação de ambos nas tomadas de decisões, promovendo a integração do conteúdo, selecionando-o conforme as necessidades das partes envolvidas.

Há, porém, que se levantar fatores definitivos na construção do currículo, tal como podemos observar nas palavras de Moreira (1990, p. 49): No nível da teoria curricular, um interesse em controle é claro quando as tarefas curriculares correspondem à a) definição dos elementos ou variáveis relevantes envolvidos no currículo; e b) criação de um sistema de tomada de decisões para o planejamento curricular.

Ao chegar à escola, a criança já traz de casa um conjunto de habilidades e competências que precisam ser desenvolvidas, e por sua vez, definidas pelo professor. Além de promover o desenvolvimento dessas habilidades, o professor precisa aprender a interagir, perguntar e fazer bons questionamentos, sendo flexível para mudanças metodológicas que surgirem no decorrer de sua prática, em todas as áreas curriculares, fazendo com que o currículo se torne mais próximo da identidade do aluno. De acordo com Moreira (1990, p. 54): “paralelamente às mudanças na vida social, a escola deveria transformar-se e organizar-se cientificamente de modo a compensar os problemas da sociedade mais ampla e contribuir para o alcance de justiça social”.

O aluno deve participar ativamente do processo de ensino realizado pela escola, sendo entendido não apenas como objeto, mas como sujeito da prática de ensino. O professor em consideração a individualidade de cada um, tendo em vista o contexto cada vez mais diversificado da sala de aula, no qual cada aluno possui características distintas.

Outro aspecto básico que merece destaque na organização curricular é a forma de como se avalia a aprendizagem do aluno. A avaliação deve estar incorporada ao currículo a partir do momento que se faz presente na sala de aula. São muitas as escolas que não permitem que haja uma melhoria nos métodos de avaliação, permanecendo conservadoras, embora vivamos em constantes transformações.

Traldy (1984) acrescenta que em uma proposta de educação transformadora e de currículo com um enfoque crítico, só se pode falar em um processo de avaliação que seja compatível com essa concepção de educação e de currículo.

O processo de avaliação na sala de aula deve estar de acordo com as particularidades de cada sujeito presente em tal processo, respeitando as diferenças no currículo escolar, e, por sua vez, na sala de aula. Avaliar, não significa dar todo o conteúdo até o final do ano e cobrar o que foi ensinado, por meio de inúmeras provas, que acabam se tornando quase o único instrumento,



termômetro a medir o que os alunos e alunas aprenderam (OLIVEIRA, 2003). A partir dessa reflexão teórica, percebemos o currículo, como um parâmetro que norteia a prática educativa, o qual precisa ser planejado de acordo com a realidade de cada escola e dos sujeitos nela envolvidos, e atualizado devido às constantes transformações sociais.

Conclusão

Tem-se a educação como único meio digno capaz de fazer com que o indivíduo ascenda social e intelectualmente, através da produção de múltiplos conhecimentos que o levam à ação transformadora de si e do mundo. É preciso pensar o currículo como algo que norteia a prática do professor na sala de aula, exigindo, entretanto, a consideração das competências anteriormente formadas pelos alunos, caso contrário, o seu ensino continuará a mesma coisa, sem inovações, sem estímulos, tornando assim, algo que faz bem, que promove transformação e desenvolve o senso crítico, em algo que não passe de um mero conteúdo.

O professor, bem como toda a equipe que compõe a escola, deve criar um meio educacional adaptado às condições locais do aluno dentro e fora da escola. Isto favorece o envolvimento escola-aluno, promovendo um relacionamento capaz de ocasionar a identificação de ambas as partes, não somente no campo intelectual, mas também em reflexões sobre nós mesmos como seres humanos. Mediante a isso, procurou-se nesse estudo, apresentar alguns dos muitos estudos e pesquisas que evidenciaram a importância do currículo como fator indispensável para o bom desenvolvimento da criança no processo educacional.

REFERÊNCIAS

ACÚRCIO, Marina Rodrigues Borges; ANDRADE, Rosamaria Calaes. **O Currículo Ressignificado**. Rede Pitágoras, MG: Artmed, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2004.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Currículos e programas no Brasil**. Campinas, SP: Papirus, 1990.

OLIVEIRA, I. B. ; PACHECO, D. C. . Avaliação e currículo no cotidiano escolar. In: Maria Teresa Esteban. (Org.). Escola, currículo e avaliação. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

PILETTI, Claudino. **Didática geral**. São Paulo: Ática, 1995.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

TRALDY, Lady Lima. **Currículo:** conceituação e implicações, metodologia de avaliação, teoria e prática, formas de organização, supervisão. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1984.
